

A lexicultura na Literatura e no ensino da Língua Portuguesa em Moçambique

p. 25 - 39

Alexandre Antônio Timbane¹

Rajabo Mugado Abdula²

Resumo

A literatura moçambicana tem se destacado nos últimos anos com obras interessantes no estudo literário e linguístico. A obra “Estórias abensonhadas” de Mia Couto é uma obra que nos leva a refletir sobre a ligação entre léxico, cultura e ensino e, assim, levantamos os seguintes problemas: quais são as características léxico-culturais das obras literárias escritas por moçambicanos e como os professores de português têm trabalhado com esta questão em sala de aula? A pesquisa visa identificar aspectos léxico-culturais na obra de Couto. Utilizando dois dicionários como corpus de exclusão (Houaiss, 2009 e Dicionário Integral da Língua Portuguesa, 2008) identificou-se várias formações lexicais e sintáticas que particularizam a obra de Couto. Da pesquisa se conclui que há necessidade de se trabalhar de forma multidisciplinar para melhor alcançarmos os efeitos que desejamos diante dos nossos alunos. O ensino deve valorizar a literatura independentemente da disciplina que estiver em causa. Os textos de Couto relatam aspetos da cultura moçambicana que podem ser ensinados aos alunos. Os neologismos revelam como a língua é um sistema aberto que permite a criação.

Palavras-chaves: Léxico. Cultura. Literatura moçambicana.

THE LEXICULTURE IN LITERATURE AND TEACHING OF THE PORTUGUESE LANGUAGE IN MOZAMBIQUE

Abstract

The Mozambican literature has been highlighted in recent years with interesting works in the literary and linguistic study. The work “Estórias abensonhadas” of Mia Couto is a work that leads us to reflect on the link between lexicon, culture and education and thus raise the following issues: What are the lexical-cultural characteristics of literary works written by Mozambicans and how teachers the Portuguese have been working with this issue in the classroom? A research aims to identify lexical-cultural aspects in Couto’s work. Using two dictionaries as exclusion corpus (Houaiss, 2009 and Dicionário Integral da Língua Portuguesa, 2008) identified several lexical and syntactical formations that particularize Couto’s work. The research is concluded that there is need to work in a multidisciplinary way to achieve better effects on desire of our students. The teaching must value the literature regardless of the discipline that is concerned. The texts Couto report aspects of Mozambican culture that can be taught to students. Neologisms reveal how language is an open system that allows for the creation.

Key words: Lexicon. Culture. Mozambican literature.

1 Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP, Pesquisador no Centro de Pesquisa e Análise do Departamento Central de Criminalística em Moçambique.

2 Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP, Professor e Pesquisador, Visitante Estrangeiro na Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Linha de Pesquisa: Língua, Linguagem e Cultura.

Introdução

Iniciamos a dissertação deste artigo afirmando que a língua está intimamente ligada à cultura e é, sem dúvidas, “uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008, p.215). É impossível separar a língua da cultura, pois a língua só faz sentido se estiver inserida dentro do contexto sociocultural. O sentido de uma frase, de uma palavra, de um texto ou discurso depende do “contrato social” estabelecido pelos membros da comunidade porque, “a memória semântica é social e os seus armazéns contêm representações discursivas, já generalizadas, a partir de conhecimentos sociais grupais” (TURAZZA, 1996, p.43). A sociolinguística laboviana não é uma teoria da fala, nem um estudo do uso da língua com o propósito exclusivo de descrevê-la, mas sim, um estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (LABOV, 2008). A língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade, quer dizer, é de caráter social. Labov discorda de Saussure, de Chomsky e de outros pesquisadores pós-saussurianos que defendiam a homogeneidade necessária do objeto linguístico e que ignoravam a heterogeneidade considerando a fala como caótica e desmotivada.

Já que a língua pertence ao social e cada indivíduo usa-a de forma particular é importante observar como a literatura moçambicana tem tratado a variedade do português moçambicano, principalmente em ambiente escolar. A principal motivação para o estudo da literatura em ambiente moçambicano resulta das nossas dificuldades e experiências enquanto professores em diversos níveis de ensino naquele país. Pensamos que a pesquisa pode trazer mais valia no aproveitamento mais profundo de textos literários para o estudo linguístico. É interessante compreender esta

questão porque os textos literários chegam à escola e são lidos, discutidos e interpretados por milhões de alunos do ensino médio e fundamental em Moçambique, no Brasil em Portugal e em muitos países do mundo. Esses alunos podem, de certo modo, apreender o vocabulário literário e utilizar expressões no seu cotidiano provocando assim a sua expansão e difusão lexical na comunidade linguística.

Nessa ordem de idéia, levantam-se duas questões importantes: quais são as características léxico-culturais das obras literárias escritas por moçambicanos e como os professores de português têm trabalhado com esta questão em sala de aula? Os moçambicanismos, como léxico identitário do português de Moçambique estão presentes nas obras literárias e refletem a realidade sociolinguística moçambicana ao nível lexical, por exemplo. Outrossim, os professores enfrentam dificuldades em compreender o significado de algumas unidades lexicais nos textos literários porque não existe ainda um dicionário do português de Moçambique; e os neologismos em Mía Couto são uma característica peculiar nas suas obras.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar a obra “Estórias abensonhadas” de Mía Couto sob ponto de léxico-cultural, o que designamos desde já por **lexicultura**. Sobre o conceito discutiremos mais adiante. Como objetivos específicos, a pesquisa discutirá os conceitos de léxico, cultura e neologismos; identificará os neologismos e a sua formação; sugerirá metodologias do trabalho com textos literários em sala de aula; demonstrará a relevância dos textos moçambicanos para a consolidação da identidade e da cultura moçambicanas, senão da lusofonia.

O trabalho está dividido em cinco seções. Primeiramente traremos ao debate conceitos básicos: o léxico, o neologismo e a cultura como bases fundamentais para os debates e

aprofundamentos da pesquisa. Em seguida, abordamos a questão do ensino do português em Moçambique, descrevendo como o ensino está organizado bem como os contextos dos ensinamentos fundamental e médio em Moçambique. Na quarta seção, descrevemos a obra “estórias abensonhadas” de Mia Couto e fizemos análises linguísticas, trazendo considerações preliminares mais importantes da pesquisa. O artigo termina apresentando considerações finais e referências bibliográficas. A língua é importante para a cultura, pois, é através dela que o povo expressa sentimentos e atitudes características da sociedade. A cultura é o “processo pelo qual, em determinadas circunstâncias, as pessoas se identificam com uma língua, ou se identificam entre si através de uma língua” (Ilari, 2013, p.48).

2. O léxico, neologismo e cultura

2.1 O léxico *versus* o vocábulo

O léxico está relacionado ao contexto social e é o essencial, pois é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua. Barbosa define o léxico como “o reflexo do universo das coisas, das modalidades do pensamento, do movimento do mundo e da sociedade” (BARBOSA, 1989, p.77). Entende-se o léxico como um sistema aberto, em expansão sendo que todos os falantes testam diariamente sua competência lexical em relação à da comunidade como um todo (língua) ou como uma fração (discurso).

Para Antunes (2012), o léxico é o “amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às necessidades de comunicação [...] não existe língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua” (ANTUNES, 2012, p.27). A definição de “palavra” não é única, universal e não tem um valor absoluto. É um

valor “[...] relativo e varia de língua para língua. De fato, a afirmação mais geral que se pode fazer é que essa unidade psicolinguística se materializa, no discurso, com uma inegável individualidade” (BIDERMAN, 1999, p.82). De acordo com Coelho (2008, p. 14), o léxico é um sistema de signos, “[...] isto é, o inventário das unidades significativas responsáveis pela conceituação e representação do universo empírico natural e do sociocultural produzido pela atividade dos homens em sociedade [...]”. Contrariamente ao léxico, o vocábulo é a palavra própria que ocorre na frase. Pode ocorrer numa frase ou num texto (discurso), embora este faça parte do léxico. É importante sublinhar que os vocábulos são contados uma vez no texto e as palavras podem ser contadas quantas vezes estiverem no texto. Os vocábulos são palavras-ocorrências e representam um conjunto factual entre muitos possíveis, de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico.

Esse conjunto de vocábulos forma o léxico que é o conjunto mais amplo das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua, quer dizer, “os conhecimentos vocabulares, enquanto norma de uso do léxico de uma língua, estão armazenados na memória a logo prazo semântico, pois o vocabulário é institucionalizado, ainda que resulte de uma criatividade individual.” (TURAZZA, 1996, p.44).

O estudo do léxico é do interesse da lexicologia e da lexicografia e ele é estudado em função da sua variação que pode ocorrer no tempo e no espaço. A criatividade lexical, segundo Turazza (1996, p.23) é “a capacidade de atribuir relevos ou de cancelá-los, (re) categorizando as coisas do mundo pela fluidez”, ou melhor, “a capacidade de superar o imprevisível, o inesperado (o novo) que constrói o obstáculo (a falta), utilizando-se de atividades previsíveis (o velho).” É importante sublinhar que a criatividade deve ser entendida

pela originalidade do produtor, exigindo para tanto processos de análise e de síntese que possibilitam ultrapassar o previsível através de associações e dissociações. Para Turazza, (1996) há três tipos de criatividades: (a) dentro do inventário lexical, isto é, das normas vocabulares, implicando variações estilísticas; (b) fora do inventário lexical, porém dentro das virtualidades do sistema e; (c) fora das potencialidades previstas pelo sistema.

O acervo lexical de uma língua está em movimentos contínuos, o que nos faz compreender que a estrutura lexical de qualquer língua é dinâmica, novas unidades lexicais são incorporadas, adaptadas de acordo com a pretensão dos falantes, assim como, certas unidades lexicais podem entrar em desuso e cair para o arcaísmo. Podemos dizer que estrutura lexical de uma língua pode ser influenciada pela localização geográfica dos falantes de uma determinada língua. Assim, para o caso de língua portuguesa, os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) terão influência lexical das línguas africanas, línguas asiáticas e de outras línguas que tiveram contato com os povos dos PALOP, principalmente nas zonas fronteiriças. Esses contatos e interferências linguísticas influenciam na criação e na escolha lexical por parte dos falantes de uma determinada língua, tal como afirma Oliveira quando diz que é

[...] a área de estudos da linguagem que mais amplamente espelha a realidade linguística, cultural, e social de uma comunidade [...] uma vez que ele é constituído por palavra e, somente, através dele é que se torna possível a transmissão de todo conhecimento adquirido e acumulado ao longo da história de um povo, nas mais variadas áreas do saber, de uma geração a outra. Assim sendo, a história de um povo, sua cultura, sua maneira de viver, ver e sentir o mundo são documentados através das escolhas lexicais que esse povo faz. (OLIVEIRA, 2009, p. 45).

A criatividade lexical surge (a) pela necessidade de se designar um objeto, coisa ou

fenômeno novo ou um conceito novo atendendo à necessidade de expressar uma nova experiência, buscando, para isto, uma adequação entre as palavras conhecidas e o novo objeto ou conceito; (b) da necessidade de inovação no plano do sistema linguístico explorando a expressividade da palavra em si ou da frase, buscando expressar ideias não originais, através de formas inovadoras ou inéditas, capazes de veicular uma visão de mundo pessoal (TURAZZA, 1996). Não se pode dispensar nem proibir esta necessidade linguística que, afinal de contas, ocorre em todas as línguas vivas. Uma das formas mais comuns da criação de novas palavras, novas frases ou novos valores semânticos são os neologismos. A seguir traremos os conceitos e algumas bases teóricas sobre o assunto.

2.2 O neologismo

Um neologismo é uma palavra, uma frase, um discurso, som ou sentido novo que ainda não era usual no seio de uma comunidade linguística. O neologismo é um fenômeno linguístico novo que vem reforçar novas ideias, fenômenos ou contextos recentes que têm lugar no meio sociocultural. Esse fenômeno pode ser provocado pelas mudanças ou adaptações históricas, sociais, políticas, econômicas ou culturais de um povo e, isso se manifesta na língua. Os neologismos podem ocorrer ao nível do léxico, da morfologia, da semântica, da fonética e da fonologia ou também ao nível do pragmático.

Neologia lexical é a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em virtude das regras de produção incluídas no sistema lexical. Neologia é, pois, o fato e neologismo, o vocábulo, a criação vocabular nova. Uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e

aceito na língua materna. Percebe-se, todavia, que só se tem neologismo quando uma nova palavra entra para a língua e que é adotada pelos falantes da língua sem criar problemas para as unidades lexicais existentes, isto é, permitindo com que as diferentes unidades lexicais coexistam na mesma língua.

Para Abdula (2014), o neologismo pode ser fonético (quando uma palavra ganha novas características fonético-fonológicas), sintático (quando se trata de uma combinação sintática inexistente na língua), semântico (quando se trata de uma palavra já existente e que ganha novos significados, novas conotações) e lexical (quando se cria uma palavra nova ou quando se incorpora uma palavra antiga vinda de uma língua estrangeira) e morfológica (quando uma palavra ganha novas características morfológicas inexistentes à dado momento da história da língua).

Os neologismos podem ser provenientes (a) de formações dentro da língua (matriz interna), mas também podem ser provenientes (b) de outras línguas disponíveis. Para o primeiro pode-se dar exemplos de chapa-100 (transporte privado de passageiros), descabeçar (cabelo não penteado) lambebota (aquele que se submete ao seu chefe para obter vantagens na função), cena (trem, coisa, bagulho), damo (menino que leva anel na cerimônia de casamento ou moços que cortejam um casamento), casório (local, lugar onde se realiza uma cerimônia de casamento), putto (moço, rapaz), taco (dinheiro), rochar (errar, falhar), sograria (casa dos sogros), coisar (fazer sexo), engarrafar (fazer feitiço colocando-o/a na garrafa por forma a ter um/uma só parceiro/a), ferrar (dormir), marrar (estudar), mortar (perder no jogo da bolinha), nenecar (colocar o bebê no colo), gazetar (faltar à aula, “matar aula”) entre muitas outras.

Para o segundo caso (neologismos de matriz externa), Abdula (2014, p.72-73) dá

exemplos de palavras da língua echúwabo que entram no português na comunicação do dia a dia, principalmente nas redes sociais. O echúwabo, segundo o autor, é uma língua bantu falada na região centro de Moçambique (distritos de Maganja da Costa, Quelimane, Nicoadala, Namacurra, Inhassunge, Mocuba, Lugela, Mopeia, Morrumbala e Milange) e tem a classificação P34, segundo o classificação do linguista inglês Malcolm Guthrie. Vejamos alguns exemplos provenientes da língua echúwabo para o português:

Ex.1: “*Vocês vão lbe tatamular...*”. (dados de Abdula, 2014)

-*tatamul(a)* (radical)+a (vogal temática)= Tatamular – do verbo *otatamula* que significa “provocar, fazer sair do estado normal de tranquilidade, excitar, fazer explodir, exasperar”. Nesta frase o empréstimo *tatamular* corresponde à “provocar ou fazer sair do estado normal de tranquilidade”.

Ex.2: “não me faz *roromelar* amiga”. (dados de Abdula, 2014)

-*roromel(a)* (radical)+a (vogal temática)= Roromelar proveniente do verbo echúwabo *ororomela* que significa “confiar em, acreditar em, ter esperança, ter confiança em, apoiar-se em, aguardar com confiança”. Nesta frase *roromelar* significa ‘ter confiança’. Nestes exemplos ocorreu um processo de adaptação ao chegar no português. Todos os verbos de línguas estrangeiras ao português quando são integrados são automaticamente integrados nos verbos da primeira conjugação recebendo a terminação **-ar**.

Os empréstimos e estrangeirismos enriquecem o acervo lexical das línguas. A sua importação ocorre por luxo ou por necessidade. Um estrangeirismo ou empréstimos de luxo é aquele que tem o seu equivalente na língua de chegada, exemplo, *boss* (do inglês) que significa “chefe ou patrão”, *scanner* (do inglês) que significa

“digitalizador de imagem, foto e texto para o computador”; enquanto que estrangeirismo ou empréstimo por necessidade é aquele que não tem o seu equivalente na língua de chegada. Por exemplo, *matago* (do echúwabo) que significa “prato feito a partir de arroz fresco, torrado e pilado” ou ainda *mapiko* (proveniente da língua shimakonde) que significa “dança tradicional da etnia makonde ligada à prática dos ritos de iniciação”. Estas são realidades próprias do contexto moçambicano e não tem como traduzi-los literalmente para outra língua. Como veremos na obra de Couto (2012), a criatividade lexical “compreende, assim, o desafio para o produtor, pois ele deverá recorrer a um conjunto de estratégias para buscar suprir a falta vocabular, gerada pelo fato de ele haver divergido. Razão por que há criatividade lexical nas designações, enquanto palavras que mantêm um tema no texto e enquanto palavras que possibilitam a progressão semântica” (TURAZZA, 1996, p.194).

2.4 A cultura

Uma das principais marcas de identidade de um povo é a cultura. É por via dela que a maneira de ser e de estar de um povo se manifesta, fazendo com que os valores peculiares que caracterizam esse povo sejam expressos e que permitam distinguir de outros povos ou nações. A cultura seria, no entanto, o conjunto de práticas sociais, situadas historicamente, que se referem a uma sociedade e que a fazem diferente de outra. Baseia-se na construção social de sentidos a ações, crenças, hábitos, objetos que passam a simbolizar aspectos da vivência humana em coletividade. Construída socialmente no cotidiano das relações humanas demanda que seja definida no seio das relações sociais e históricas que a amparam e por ela são caracterizadas.

Essas práticas sociais embora históricas,

elas são dinâmicas, se adaptando às necessidades do momento de cada sociedade. “Certas palavras apareceram em certas línguas porque o povo que as falava tinha um interesse singular pelas realidades que elas exprimem, e que por esse motivo elas não podem ser traduzidas” (ILARI, 2013, p.44). É importante compreendermos que toda língua historicamente dada, a qualquer momento de sua história, está à procura de meios para expressar experiências que assume/assumiram uma importância nova para o grupo social que a fala. Por isso que encontramos na língua traços históricos, pois, a língua é também o registro de um trabalho enorme já feito para descrever os mundos em que vivemos (ILARI, 2013).

A palavra lexicultura provém da junção das palavras “léxico” e “cultura”. Entendemos por “cultura” como o conjunto de padrões de comportamento, de conhecimento, de crença, da arte, da moral, da lei, dos costumes e de todos os outros hábitos e capacidades adquiridas pelo homem como membro da sociedade. Sendo assim, a cultura carrega consigo as suas especificidades, por isso que se pode notar a existência de significados e sentidos semânticos diferentes de uma comunidade linguística para outra.

A lexicultura geral é aquele conjunto de itens lexicais que são identificados por toda comunidade linguística, neste caso, a comunidade lusófona. A lexicultura específica refere-se ao conjunto de itens lexicais que caracterizam uma variedade ou variante específica, ou seja, pertence a um grupo restrito. Pertencem a este grupo os angolanismos, os brasileirismos, os moçambicanismos etc.” (TIMBANE, 2014, p.47).

Para Abdula (2014, p.35) “a afirmação da identidade cultural de um povo passa pela sua afirmação linguística. Através da língua, valores, hábitos e costumes podem ser transmitidos de um indivíduo para o outro, ou de uma geração para outra, possibilitando a distinção entre membros

de grupos culturais diferentes.” Se uma boa parte dos falantes do português em Moçambique tem como a língua primeira (L1) uma das línguas nacionais, salvo o português, podemos afirmar que o português falado nas diferentes partes do país apresenta marcas de identidade dos falantes com a sua língua e sua cultura, devido ao contacto que o português tem com essas línguas. Essa variedade de português tem influenciado no ensino.

3. O ensino do português em Moçambique

Depois da independência nacional de Moçambique em 1975 observou-se um crescimento significativo do número de falantes de português e do número da população alfabetizada. Esse aumento justifica-se pela política educacional e da pré-disposição da população moçambicana em adotar o português como língua de comunicação em detrimento das línguas bantu (ABDULA, 2014). Essa pré-disposição não é livre, pois as condições socioeconômicas e políticas compartilham para essa “aceitação” fictícia, pois na realidade, os moçambicanos ainda preservam e conservam as suas línguas africanas e ainda continuam ser as mais faladas, principalmente nas zonas rurais.

O português é a única língua oficial em Moçambique sendo através dela que se acessa ao ensino e aos privilégios públicos. Paradoxalmente, o país possui mais de vinte línguas e o português não é a língua falada pela maioria da população moçambicana. Ao se manter apenas o português como a única língua oficial e a única língua de ensino, se criam condições para que as outras línguas nacionais não sejam públicas. De acordo com Alcalá, a possibilidade para que uma língua se torne de fato pública envolve, ao mesmo tempo, “a elaboração de uma língua escrita que sustente discursos de caráter público e a existência de uma

sociedade alfabetizada que, interpretada por essa língua, produza esses discursos de caráter público” (XXXX, 2001 p. 144).

3.1 Ensino Fundamental

No ensino fundamental, a criança inicia os seus estudos aprendendo o português como condição para a compreensão das restantes disciplinas curriculares. A maior parte das crianças o português é a segunda ou terceira línguas fato que dificulta e desencoraja, pois as crianças não podem progredir sem o domínio dessa língua oficial. A escola é o espaço da difusão da língua portuguesa. Mas a linguagem da escola é a linguagem das classes favorecidas, quer dizer, corresponde a norma-padrão que é na variedade que não é língua materna de ninguém. A criança pertencente às camadas populares, pobres, rurais e traz para a escola um idioma institucionalmente rejeitada e ridicularizada pela política e pelo planejamento linguísticos.

A educação em Moçambique é regido pelo Sistema Nacional de Educação (SNE) pertencente ao Ministério de Educação, criado em 1983 e que foi revogada em 1992 através da Lei 6/92 de 6 de Maio, visando, essencialmente, adequar o sistema educativo ao sistema sócio-econômico e político mais atual. De acordo com o Ministério da Educação de Moçambique (2012), o SNE conheceu três períodos distintos: (i) entre 1975 a 1979 em que houve uma forte expansão da rede e dos efetivos escolares; (ii) entre 1980 a 1992 que corresponde ao período do conflito armado, no qual se verificou a redução significativa da rede escolar e uma estagnação do número de alunos; e (iii) a partir de 1992, com a assinatura do Acordo de Paz, aumentou significativamente o número de efetivos escolares, mas sem privilegiar a qualidade. Atualmente o ensino fundamental corresponde ao ensino de 1ª a 7ª classes. O ensino

pré-escolar é actualmente oferecido por creches e escolinhas do Ministério da Mulher e Ação Social (MMAS), das organizações não-governamentais ou comunitárias e pelo sector privado. Este subsistema, coordenado pelo MMAS, divide-se em dois níveis: o nível das creches, que cobre as crianças dos 0 aos 2 anos, e o nível dos jardins-de-infância que atende crianças entre os 2 e os 5 anos. (MINED, 2012). A frequência é facultativa e não obrigatória.

O ensino fundamental é um dos ensinamentos mais importantes na política educacional do país, pois, “joga um papel importante no processo de socialização das crianças, na transmissão de conhecimentos fundamentais como a leitura, a escrita e o cálculo e de experiências comumente aceites pela nossa sociedade” (INDE/MINED, 2003, p. 16). A partir de 2004, o ensino fundamental foi estruturado em três ciclos de aprendizagem: o 1º ciclo (1ª e 2ª classes), o 2º ciclo (3ª à 5ª classe) e o 3º ciclo (6ª e 7ª classes). A idade mínima para o acesso ao ensino fundamental é de seis anos de idade, visto que, a criança termina o ensino pré-escolar com cinco anos. O tempo mínimo que o aluno deve permanecer neste ensino são sete anos, o que significa dizer que, o aluno deve terminar, normalmente, este ensino com doze anos de idade. Finda esta fase, o aluno passa para o ensino médio para fazer as classes subsequentes.

3.2 Ensino Médio

O Ensino Médio (Secundário Geral) visa “criar oportunidades educativas diversificadas que permitam ao aluno desenvolver as suas potencialidades, actuando como um sujeito activo na busca do conhecimento e na construção da sua visão do mundo” (INDE/MINED, 2007, p. 18). Este ensino tem dois ciclos de aprendizagem: o primeiro ciclo compreende a 8ª, 9ª e 10ª classes e

segundo ciclo que compreende a 11ª e 12ª classes que antecede o Ensino Superior.

O segundo ciclo para além de aprimorar os conhecimentos adquiridos no ciclo anterior, permite, também, preparar o aluno para o nível superior, pois, neste ciclo, as disciplinas são organizadas em função da inclinação ou do que o aluno pretende fazer futuramente. Para o efeito, foram criados três grupos de aprendizagem: grupo “A”: formação para acesso aos cursos de Letras no ensino superior; grupo “B” para Ciências com disciplina de Biologia ou sem Biologia dependendo da opção do aluno e finalmente, grupo “C” para Ciências com a disciplina de Desenho.

3.3 A Literatura Moçambicana na escola

A disciplina que se dedica ao estudo da literatura em Moçambique é a língua portuguesa. A literatura moçambicana é obrigatória e alguns textos aparecem nos livros escolares. Um dos grandes problemas é o fato de os textos serem adaptados na sua maioria e assim perdem a sua autenticidade. O livro em Moçambique é caro para a população de classe média e baixa e não é acessível para a maioria dos alunos principalmente nas zonas rurais onde os camponeses conseguem dinheiro graças a venda de alguns excedentes da produção.

Pode-se afirmar com certeza que as escolas primárias e secundárias de Moçambique não possuem obras de escritores moçambicanos nas suas bibliotecas (se existirem). Várias razões estão por detrás dessa falta: 1º Fraco investimento na área de arquivos bibliográficos; 2º O custo do livro que pode chegar a quatro salários mínimos; 3º Ausência de infra-estruturas para o efeito; 4º Falta de cultura de leitura por parte dos professores e da comunidade.

Os professores limitam-se apenas a discutir o texto que o manual escolar apresenta e raras vezes, senão em nenhum momento há preocupação de se ler a obra inteira, talvez pelas razões que já citamos anteriormente. Os textos literários de escritores moçambicanos estão cheios de moçambicanismos e outros estilos característicos da criatividade literária. Ao ler uma obra moçambicana percebe-se logo à presença de empréstimos, estrangeirismos, renovações semânticas, lexicais e outras e que muitas vezes particularizam a variedade moçambicana. A razão pela qual os moçambicanos possuem estilo próprio é que eles estão inseridos num determinado contexto. A evolução das línguas permite que o léxico esteja em constante transformação, “fazendo com que haja renovação contínua tendo em vista o preenchimento das necessidades internas dos falantes, [...] o que culmina com o enriquecimento do próprio léxico.” (ABDULA, 2014, p.37).

4. A obra “Estórias abençoadas” de Mia Couto

A obra de António Emílio Leite Couto, mais conhecido no mundo literário por Mia Couto é objeto de análise linguístico na presente pesquisa. Couto é jornalista, biólogo, professor, poeta, escritor de renome em Moçambique e pelo mundo fora. Já publicou poesias, contos, crônicas e romances escritos em português e traduzidos em 22 países. Pode-se citar o exemplo de línguas catalão, italiano, inglês, espanhol, francês, alemão. A obra “A confissão da leoa”, publicada em 2012 está sendo traduzida na língua mandarim fato que orgulha bastante à literatura moçambicana em especial a literatura lusófona, pois a obra poderá ser lida por pouco mais de 955 milhões de falantes de mandarim se considerarmos o mandarim como a língua mais falada do mundo, segundo

dados do *Ethnologue.com*. Temos nossas reservas com relação às traduções para outras línguas, pois como dissemos no início deste artigo, a língua é cultura. Alguns moçambicanismos e neologismos são intraduzíveis para outras línguas o que significa que as traduções podem camuflar ou distorcer o real significado das palavras. Só para ilustrar, como traduziríamos “abençoadas” para o mandarim, inglês, espanhol ou francês?

A escolha da obra de Couto se justifica pela importância que o autor tem na literatura moçambicana e no mundo (incluindo no Brasil), pois nos seus textos consegue utilizar um léxico moçambicano (léxico das diferentes regiões de Moçambique) produzindo um novo modelo de narrativa bem característico dos africanos. As suas personagens falam o português de Moçambique e isso traz uma identidade sociocultural e linguístico da sua obra. Couto ganhou muitos prêmios nacionais e internacionais, dos quais se pode citar: Prêmio Camões, Prêmio União latina de literaturas românicas, Prêmio *Internacional Prize for Literature* entre outros. Para a contextualização da obra em estudo “Estórias abençoadas” transcrevemos um breve resumo da obra por forma a situar o leitor do contexto da criação da obra.

Estas estórias foram escritas depois da guerra. Por incontáveis anos as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique. Estes textos me surgiram entre as margens da mágoa e da esperança. Depois da guerra, pensava eu, restavam apenas cinzas, destroços sem íntimo. Tudo pesando, definitivo e sem reparo. Hoje sei que não é verdade. Onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo. Esse sonho se ocultou no mais inacessível de nós, lá onde a violência não podia golpear, lá onde a barbárie não tinha acesso. Em todo este tempo, a terra guardou, inteiras, as suas vozes. Quando se lhes impôs o silêncio elas mudaram de mundo.

No escuro permaneceram lunares. Estas estórias falam desse território onde nos vamos refazendo e vamos molhando de esperança o rosto da chuva, água abensonhada. Desse território onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta. (COUTO, 2012, p.V).

Esta obra é composta por vinte e seis capítulos sendo onze inéditos e os restantes publicados no Jornal *Público* em Portugal. A obra toda constitui um potencial recurso ao estudo de fenômenos linguísticos e o seu estilo literário é comparado por vários analistas literários com o do brasileiro Guimarães Rosa. Para análise, a obra foi analisada manualmente lendo, observando e anotando os fenômenos importantes para a pesquisa. Na apresentação dos dados trouxemos alguns exemplos da obra para sustentar argumentos e constatações. Como corpus de exclusão utilizou-se o “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa” versão imprensa de 2009 e o “Dicionário Integral da Língua Portuguesa”, versão imprensa de 2008. Como Moçambique ainda não tem dicionário escolheu-se estes dois Dicionários mais importantes na lusofonia sendo o primeiro brasileiro e o segundo português. Outra razão da escolha se justifica pelo fato de que estes dicionários são os que circulam mais na lusofonia até mesmo pelo fato de possuírem versões impressas e eletrônicas. Os dicionários aqui apresentados servirão de *corpus* de exclusão na identificação de neologismos.

4.1 Analisando a obra

Uma das marcas linguísticas mais marcantes em textos de Couto é a presença de neologismos. O autor cria palavras novas trabalhando com várias formações possíveis e impossíveis na língua portuguesa o que mostra a sua originalidade nas suas obras. Não citaremos todos os casos

(ocorrências) encontrados na obra, mas sim alguns exemplos ilustrativos. Mas também não trataremos definições do tipo: derivação por composição, prefixação pelo fato de que esses conceitos serem do domínio do público leitor.

Na obra constata-se a formação de palavras por: (i) derivação prefixal que se caracteriza pela formação de palavras novas a partir de prefixos. Pode-se tomar exemplos de **desconsumar** (p.88), **desfolha** (p.22), **desamimado** (p.23), **inevisível** (p.23). Para além disso Couto cria palavras por (ii) derivação sufixal, como é o caso de **febrecida** (p.143) e muitas outras recorrentes ao longo da obra. Há situações de (iii) prefixação e sufixação simultânea onde um radical recebe prefixos e sufixos formando nova palavra. É o caso de **desavizinharam** (p.40), **desbotado** (p.23).

Há nesta obra, a formação de palavras por (iv) justaposição, como por exemplo: **meio-fora** (p.12), **corre-morre** (p.17), **filha-nenhuma** (p.16) **filha-nenhuma** (p.16), **lei-de-fora** e **fora-de-lei** (p.55), **lugar-natal** (p.125), **isto-aquilo** (p.4), **mal-acabado** (p.39), **mal-desentendidos** (p.63) e **má-sorte** (p.38). Na obra observa-se a formação de (v) verbos a partir de substantivos. É o caso de **desbengale-se** (p.22) do substantivo “bengala”, **desavizinharam** (p.39) do substantivo “vizinho” **matematicar** (p.40) do substantivo “matemática”, **cabecinhava** (p.9) do substantivo “cabeça”, **algebrava** (p.93) do substantivo “álgebra” e **boavindar** (p.127) do substantivo “boas-vindas” e **aurorava** (p.53) do substantivo “aurora”. São fenômenos raros, mas possíveis na língua.

É recorrente na obra de Couto a transformação de (vi) verbos a partir de adjetivos. Temos exemplos de **sozinhandor** (p.23) do adjetivo “sozinho”, **tristonhava** (p.25) do adjetivo “triste”, **malandrava** (p.59), **inevisível** (p.23) do adjetivo “visível”, **desalentava** (p.22) do adjetivo “lento”.

Sobre os neologismos de (vii) matriz externa, Couto marca o seu texto com várias

palavras extraídas das diversas línguas bantu moçambicanas exceto o inglês. É interessante esta observação por se saber que o inglês é a língua estrangeira mais privilegiada e Moçambique faz fronteira com países anglófonos. Mesmo assim, Couto prefere as línguas bantu moçambicanas. Sobre este aspecto, os editores da obra prepararam um pequeno glossário para tentar resolver o problema de incompreensão que os leitores da obra poderia enfrentar. O glossário tem as palavras canganhiça (enganar), concho (canoa), maka (problema), mamas (mães), mpfuvu (hipopótamo), muti (casa), nenecar (colocar a criança no colo), tchova-xitaduma (carinho de mão), xipefo (lâmpada). Mas o glossário esqueceu-se de outras, tais como namuwetxo moha (p.11). Essas palavras reforçam a ideia de que língua é cultura e é sempre entendida dentro do contexto da comunidade linguística.

Observa-se a formação de (viii) nomes próprios incomuns. Para os nomes, Couto procurou se afastar, ou melhor, se distanciar dos nomes mais comuns em Moçambique. Para isso inovou criando nomes do tipo: Novidadinha (p.16), Azulzinhas (p.18), Estrelinho (p.24), Quinhenteiro (p.132), Joanantónia (p.90), Joantónio (p.90), Bacanaleira (p.89), Tristereza (p.45), Felizbento (p.47), Mintoninho (p.81), Novesfora (p.93). Os moçambicanismos são todas as palavras, frases ou discursos que são mais tipicamente usados em Moçambique e que mostram e particularizam a variedade sob ponto de vista lexical, fonético-fonológico, semântico, morfológico e pragmático. Uma das características das personagens de Couto é do uso de (ix) moçambicanismos nas suas falas. Essas características não são visíveis aos estrangeiros e podem ser conotados pelo falta de domínio da gramática, incoerência e dificuldades na expressão e comunicação. Alguns exemplos extraídos da obra: “Voltamos antes de um agorinha” (p.9), “É

para quê esse fruto?” (p.73), “que os xicuembos me segurem” (p.76), “vou morrer daqui a nada” (p.139) e “Muito-muito são esses deslocados que estão vender lenho” (p.71).

Observa-se na obra a presença de (x) curiosidades histórico-científicas. Um dos nomes marcantes nos textos de Couto é o nome “petromax” (p.48) que é marca de um tipo e candeeiro inventado por Max Graetz no século XIX. Esse candeeiro funciona na base de derivados de petróleo: gasolina, petróleo de iluminação. No contexto moçambicano é frequente a criação de nomes a partir de marcas de produtos. Petromax no contexto de Moçambique é candeeiro e não marca do candeeiro. Este tipo de renovação ocorre também com as palavras *Colgate* (creme dental), *Tentação* (cachaça), *Xirico* (rádio-aparelho), *Bingo* (sabão sólido), *Gilete* (lâmina de barbear), *Davita* (suco), *Fizx* (refrigerante), *Omo* (sabão em pó), *Fanta* (refresco ou refrigerante), *Baygon* (inseticida), *Jeito* (preservativo), *Kibom* (sorvete), *Quentex* (bebida forte, no português de Angola). Significa que as marcas evoluíram o seu sentido semântico de marca de produto para nome do produto (TIMBANE, 2013).

Também se pode observar (xi) frases e ideias complexas versus estilo próprio em Couto. Veja-se nas frases a seguir: a) “Amanhã, manhazinha, já terminou a festa. Dia isso a meu filho” (p.154); b) Essas folhas, já há muito tempo que foram, voaram, borboletaram-se por aí” (p.148) e “E lugar de me apouquinhar, a conversa de Julinho me deu amolecimento” (p.146). Existem outras formações lexicais mais estranhas e sem previsível significação. É o caso de nenhumita (p.58), nenhures (p.58). Couto faz um jogo insistente com (xii) diminutivos. É recorrente em toda obra. Ocorre com adjetivos, com substantivos próprios e comuns. Temos exemplos de retintinha (p.131), materiazinhas (p.145), azulzinhas (p.104), novidadinhas (104)

alegriazinhas (p.18), agorinha (p.9) entre muitas outras.

Existem muitos efeitos estilísticos da criação lexical que podem ser localizados na obra de Mia Couto, mas não vamos esgotar no presente artigo. O importante a reter aqui é que estas novas palavras embelezam o seu texto, o seu discurso e criam uma identidade própria na obra. É uma belíssima riqueza para pesquisadores que se interessam pela criatividade lexical numa língua. Algumas palavras podem ficar na mente dos leitores e serem usadas espontaneamente. Identificamos como neologismos pelo fato de representar realidades novas e que muitas delas não estão registradas nos dicionários que citamos como *corpus* de exclusão.

4.3 Como trabalhar a Literatura em sala de aula?

O sistema educativo em Moçambique mesmo no Brasil tem deixado a tarefa do ensino da literatura apenas para a disciplina de Língua Portuguesa. É uma ideologia que se criou durante o período colonial e que estende até aos nossos dias. Acreditamos, pelo menos nas análises e nos estudos feitos que o estudo da literatura não é tarefa dos professores de língua portuguesa apenas. Todas as matérias podem se apoiar das obras literárias para desenvolver conteúdos que possam animar os alunos em todos os níveis educacionais. Nesta altura alguém está se perguntando: como isso é possível? Trazendo para a aula trechos, histórias ou mesmo problemas contadas de forma fictícia em obras literárias. Isso é possível em todas as disciplinas curriculares no ensino médio e fundamental. Por exemplo, o capítulo “Na esteira do parto” nas páginas 27 a 30 pode ser explorado numa aula de Biologia, “o capítulo o cachimbo de Felizberto”, nas páginas 47 a 51 pode ser usado pelo professor de História, na aula

de História para desenvolver assuntos ligados à História de Moçambique. O mesmo se pode dizer do capítulo “A guerra dos palhaços”, nas páginas 111 a 113. O capítulo “O abraço da serpente”, nas páginas 81 a 86 pode ser aproveitado pelo professor de Química quando discute questões inerentes às reações químicas das substâncias. O capítulo “os infelizes cálculos da felicidade” das páginas 93 a 97 pode ser sugestão de leitura para disciplina de Matemática. O capítulo “Lenda de Namarói” nas páginas 115 a 119 e o capítulo “A velha engolida pela pedra”, nas páginas 121 a 123 podem ser trazidos e discutidos nas aulas de Geografia, de Educação Moral e Cívica, nas aulas de Sociologia e assim por diante. Estamos falando da interdisciplinaridade que infelizmente é pouco discutido mesmo na universidade.

Estamos cientes de que as histórias contadas nestas obras literárias não são verdadeiras, mas elas de certo modo refletem uma realidade imaginária e que em algum momento relatam aspectos vividos na realidade no espaço sociocultural em que o autor está inserido. Cada vez que relemos a obra “Estórias abensonhadas” passa no nosso imaginário realidades que têm lugar ou tiveram lugar em Moçambique. Entendemos que o autor não é extraterrestre. Ele está inserido numa comunidade, numa cultura e que essa cultura é a sua identidade. Sem querer, as marcas de identidades vão aparecer nas suas criações e invenções.

A fuga ao uso de textos literários em outras disciplinas revela a falta de cultura de leitura por parte de muitos professores no ensino fundamental e médio. Engana-se quem entende que a literatura é só para professores de língua portuguesa! Isto porque literatura é cultura mesmo para sociedades ágrafas onde predomina a oratura. Essa falta de ânimo ou motivação para ler deixa a responsabilidade de leitura e estudo da literatura apenas para os professores de língua

portuguesa. Este aspecto é muito interessante por que se formos a entrevistar quantos professores de outras disciplinas que não seja língua portuguesa leem livros literários teríamos respostas desastrosas. Sendo assim, todos os professores, mas todos mesmo, independentemente da disciplina que ensinam deviam pensar, fomentar e incentivar textos literários por forma a trazer mais motivação na arte literária.

A criança que lê desenvolve o senso crítico, não apenas na matéria língua portuguesa, mas também na história, biologia, química, sociologia, entre outras disciplinas. Para além disso, ao aluno melhora a qualidade da escrita cometendo poucos erros ortográficos. Porquê? Porque durante a leitura, o aluno tem a oportunidade de observar e memorizar como as palavras são escritas, como as frases são escritas e organizadas. O leitor observa a sequência das palavras na frase, no discurso e os seus valores semânticos. Isso não ajuda apenas na disciplina de português (como era de se esperar), mas a TODAS as outras disciplinas curriculares desde o fundamental ao médio. Então porque não se pode fazer um trabalho em conjunto uma vez que os resultados beneficiam a TODAS disciplinas curriculares? Será que a união não pode fazer a força? A literatura incentiva o crescimento cultural, a formação cívica e moral do cidadão, ajuda ao leitor na organização da mente e desperta o domínio das quatro competências básicas: expressão e comunicação escrita e oral..

Considerações finais

É momento de retomar as questões iniciais e compreender a conexão entre léxico, cultura, ensino e literatura no contexto moçambicano. Primeiro gostaríamos que o estudo se estendesse ao contexto brasileiro fazendo assim um estudo comparativo. Faremos nos próximos estudos ou em próximas oportunidades trazendo também a

quantificação dos casos neológicos na obra geral. Entendemos que neste trabalho não interessa quantificar, mas sim descobrir, identificar casos inerentes à criatividade lexical na obra como um potencial material para o ensino que infelizmente é pouco explorado nas escolas moçambicanas.

Conclui-se então que os neologismos são recorrentes nos textos de Couto e representam a realidade sociocultural e linguística dos moçambicanos. O léxico é cultura e as marcas culturais dos moçambicanos são refletidos com propriedade ao longo do texto. É preciso apontar alguns constrangimentos que reduzem a disseminação da literatura em Moçambique. O livro é caro, não pode ser adquirido por qualquer filho de camponês ou comerciante. Isso impede a disseminação da leitura reduzindo assim o hábito de leitura. Há dificuldades para a chegada de obras literárias em regiões recônditas do país devido à problemas de conflitos armados que ainda não cessaram.

A obra de Couto em sala de aula é um documento autêntico. Isso melhoraria a qualidade do ensino e fomentaria o estudo literário das obras. Os institutos de formação de professor de português pouco fazem para incentivar o espírito de leitura. Agora se os professores não estão motivados como é conseguirão motivar os alunos? Apoiamos a interdisciplinaridade no ensino do século XXI em que se deve eliminar as fronteiras estabelecidas pelos métodos antigos.

Entendemos que o sistema educativo deixa o estudo e o incentivo da literatura apenas para o professor de português. Entendemos que TODO professor (de qualquer disciplina) deve ser sensível ao lado literário trazendo nas suas aulas diversas obras, textos ou trechos que vão despertar interesse ao aluno. É claro que essa “ginástica” passa por uma preparação minuciosa do professor. Passa por uma formação e preparação individual atempada e profunda

por forma a que os objetivos sejam alcançados satisfatoriamente.

Pelo fato de estarmos inseridos na mesma cultura, ou melhor, no mesmo espaço geográfico com o autor identificamos facilmente os traços culturais próprios dos moçambicanos. Cada texto nos lembra alguma história contada pelos nossos avós, alguns mitos, lendas, provérbios, tabus e outras realidades culturais que nos identificam como moçambicanos. Esses referentes não vão ser identificados facilmente por quem não compartilha mesmos hábitos. A fala de algumas personagens, o comportamento de algumas personagens é de esperar, uma vez que estamos inseridos socioculturalmente com o autor.

O autor pode viajar no imaginário, mas as suas imaginações não ultrapassam os 'limites' e atitudes comportamentais e sociológicos que compartilhamos com ele. Com a Obra "Estórias abensonhadas", Couto relevou a sua identidade cultural, pois, muitos fatos são possíveis de ser observados no contexto sociocultural moçambicano. Concluindo: o envolvimento contextual nas obras de Couto nos faz fazer parte da história, quer dizer, as ações nos textos se desenvolvem de tal forma a que nos descobrimos como parte integrante da das personagens. Essa visão não pode ser vista por quem não conhece a realidade sócio-histórica dos acontecimentos. Ou seja, para um leitor estrangeiro, os significados de cada palavra, os sentidos de cada frase não irão ao encontro da realidade sociocultural e geográfico (Moçambique).

Nesta pesquisa, apresentamos as principais características léxico-culturais da obra literária de Couto "Estórias abensonhadas" e sugerimos algum olhar mais profundo no que tange ao ensino da literatura. Fica claro que a interdisciplinaridade formaria mais gente culta, mais alunos criativos e que possam desenvolver habilidades diversas em sala de aula. O léxico

do português de Moçambique marca vários escritores moçambicanos ao longo dos tempos. Deve ser preservada e estuda por forma a que num futuro próximo se possa criar um dicionário do português de Moçambique. Terminamos esta dissertação citando Turazza que fala o seguinte:

Competência lexical é a capacidade de compreender, definir e parafrasear unidades do léxico ao se produzir textos. Esta competência é determinada por uma série de dados heterogêneos que vão da compreensão à produção, da palavra ao conceito, dos contratos linguísticos ao conhecimento do mundo. Assim, a competência lexical tem uma dupla dimensão: a compreensão e a produção ultrapassando o linguístico" (Turazza, 1996, p.72).

Os moçambicanismos constituem um léxico identitário do português de Moçambique e estão presentes nas obras literárias refletindo a realidade sociolinguística moçambicana ao nível lexical, por exemplo. Outrossim, os professores enfrentam dificuldades em compreender o significado de algumas unidades lexicais nos textos literários porque não existe ainda um dicionário do português de Moçambique. Essa é uma necessidade urgente e essencial.

Referências bibliográficas

ABDULA, Rajabo Alfredo Mugabo. **Marcas de influência do echúwabo no português de Moçambique:** a questão dos verbos nas redes sociais. (Dissertação). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2014.

ALCALÁ, Carolina Rodríguez. **ALíngua urbana:** o guarani no espaço público. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). Cidade atravessada. Campinas: Pontes, 2001. p.140-167.

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras:** estudo do léxico em sala de aula. São Paulo:

Parábola, 2012.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. 2ed. São Paulo: Global Editora, 1989.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito linguístico de palavra. In: **Revista Palavra**. Petrópolis: Vozes, v.5, n.1, p. 81-97, 1999.

COELHO, Braz José. Dicionários: estrutura e tipologia. In:_____. **Linguagem: lexicologia e ensino de português**. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2008.

COUTO, Mia. **Estórias abençoadas**. São Paulo: Companhia de Letras, 2012 [1994].

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5ª ed. Rio de Janeiro, 2008.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Houaiss, 2009.

Dicionário Integral da Língua Portuguesa. 3ª ed. Porto, Texto Editores, 2008.

ILARI, Rodolfo. Reflexões sobre a língua e identidade. In: BORBA, Lilian do Rocio; LEITE, Cândida Mara Brito (Org.). **Diálogos entre língua, cultura e sociedade**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2013. p. 17-50.

INDE/MINED. **Plano curricular do ensino básico**. Maputo: INDE/MINED, 2003.

_____. **Plano curricular do ensino secundário geral**. Maputo: Imprensa Universitária – UEM, 2007.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Ministério da Educação de Moçambique (MINED). **Plano estratégico da educação 2012-2016**. Maputo: MINED, 2012.

OLIVEIRA, Sandra Ramos de. **Léxico,**

cultura, tradição e modernidade: um retrato sociolinguístico do congado montes-clarense. (Dissertação). Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

PALMA, Deli Vesaro; TURAZZA, Jeni Silva. Educação linguística: reinterpretação do ensino-aprendizagem por novas práticas pedagógicas. In: _____; _____(Org.). **Educação linguística e o ensino da língua portuguesa: algumas questões fundamentais**. São Paulo: Terracota, 2014. p.23-62.

TIMBANE, Alexandre António. **A variação e a mudança linguística da língua portuguesa em Moçambique**. (Tese). Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2013.

_____. **A lexicultura no português de Moçambique**. Linguística: estudos e pesquisas, Catalão-GO, vol. 18, n. 2, p. 43-59, jul./dez. 2014.

TURAZZA, Jeni Silva. **Léxico e criatividade**. São Paulo: Pleiade. Ltad, 1996.

Artigo enviado em: 30/10/2016

Aceite em: 07/01/2017